

MINERAIS CRÍTICOS: NASCE UM EIXO OCIDENTAL?

Europa, EUA e Japão unem forças em uma nova guerra estratégica por minerais críticos contra o domínio chinês; aliança busca autonomia em terras raras e outros elementos essenciais para tecnologia, defesa e transição energética, visando garantir a própria soberania e remodelar as cadeias de suprimentos globais.

Giuseppe Gagliano*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

EUROPA, EUA E JAPÃO VISAM ROMPER DOMÍNIO CHINÊS

A nova iniciativa lançada em Washington pelos Estados Unidos, União Europeia e Japão sobre minerais essenciais não é simplesmente um projeto industrial. É um episódio na competição estratégica global. Quando mais de 50 países se reúnem para discutir terras raras, ímãs permanentes, gálio ou tungstênio, a verdadeira questão é o poder. Quem controla esses recursos controla a tecnologia, a defesa, a transição energética e, em última instância, uma parcela da soberania dos outros.

Hoje, a China produz cerca de dois terços das terras raras do mundo e lida com quase todo o seu processamento. Essa concentração não é meramente econômica: é uma ferramenta política. Pequim já demonstrou que pode usar o comércio de *commodities* como alavanca. Para Washington e seus aliados, isso representa uma vulnerabilidade estratégica.

DA DEPENDÊNCIA À DIVERSIFICAÇÃO

O objetivo declarado da nova aliança é construir cadeias de suprimentos seguras, da mina ao produto final. Os Estados Unidos assinaram inúmeros acordos bilaterais e comprometeram bilhões de dólares em financiamento por meio de sua Agência de Crédito à Exportação para garantir o fornecimento estável de suas indústrias. A iniciativa também está ligada à segurança tecnológica e ao desenvolvimento da inteligência artificial, setores que exigem grandes quantidades de minerais críticos.

A mensagem é clara: reduzir a dependência da China antes que uma crise política ou militar a transforme em chantagem econômica.

LIMITES DA ESTRATÉGIA OCIDENTAL

Abrir minas, construir refinarias e redes de transporte exige anos, licenças ambientais, investimento de capital paciente e estabilidade política nos países produtores. Uma declaração conjunta não é suficiente para mudar o equilíbrio. Mesmo as estimativas mais otimistas preveem apenas um lento declínio na participação da China na próxima década.

Além disso, o Ocidente enfrenta um paradoxo: deseja maior autonomia, mas permanece comprometido com altos padrões de consumo e demanda crescente. Sem reciclagem, reutilização e substituição de materiais, a corrida pelos minerais corre o risco de se tornar uma nova dependência, apenas mais dispersa geograficamente.

A POSIÇÃO EUROPEIA

A União Europeia está acelerando seus esforços porque esses minerais são essenciais tanto para a neutralidade climática quanto para o fortalecimento da defesa. Bruxelas multiplicou os acordos comerciais e as parcerias em matérias-primas, mas análises internas mostram que as metas de autossuficiência ainda estão fora de alcance. A dependência da China continua alta.

O documento conjunto enviado pela Itália e pela Alemanha à Comissão Europeia sinaliza o desejo de reforçar a segurança das cadeias de abastecimento da indústria europeia. No entanto, alguns críticos alertam que uma cooperação excessivamente estreita com Washington pode reduzir a autonomia estratégica da Europa. A verdadeira independência, segundo essa perspectiva, também depende da economia circular e da reciclagem em larga escala.

ANÁLISE ESTRATÉGICA MILITAR

Os minerais críticos são hoje parte integrante do poderio militar. Mísseis guiados, radares, satélites, motores elétricos, sistemas digitais: tudo depende de componentes que requerem elementos de terras raras e metais especiais. Reduzir a dependência da China significa, para os

Estados Unidos e seus aliados, garantir a continuidade da produção em caso de uma crise envolvendo Taiwan ou de um confronto prolongado com Pequim.

Nesse sentido, a aliança mineral é uma medida preventiva de segurança nacional.

ANÁLISE GEOPOLÍTICA E GEOECONÔMICA

O mapa das matérias-primas está remodelando as alianças. África, América Latina e Ásia Central estão se tornando áreas-chave, cortejadas por investimentos e esforços diplomáticos. Os países ricos em recursos naturais estão ganhando poder de barganha, mas também correm o risco de se tornarem arenas de competição entre grandes potências.

Por sua vez, a China defende um modelo de mercado aberto que é apenas superficialmente assim: sua força reside na integração da extração, do processamento e da manufatura. Desmantelar esse sistema exigirá tempo e coordenação política constante.

CENÁRIOS ECONÔMICOS

A médio prazo, veremos investimentos maciços em mineração, logística e processamento fora da China. Os custos iniciais serão altos e os preços dos minerais poderão permanecer voláteis. As empresas buscarão contratos de longo prazo e proteção governamental. A competição pela segurança dos recursos aumentará.

A NOVA GUERRA POR RECURSOS

Por trás do jargão técnico dos minerais críticos, esconde-se uma verdadeira guerra econômica. Não uma guerra de tarifas, mas sim de acesso a recursos fundamentais. O Ocidente tenta construir um sistema menos vulnerável, enquanto a China defende a vantagem que acumulou ao longo de décadas de investimento. O resultado será um mundo mais fragmentado, onde as matérias-primas voltarão a ser um instrumento de poder. Quem controlar as minas e as instalações de processamento controlará uma parcela decisiva do futuro tecnológico e estratégico mundial.

Publicado no [Le Diplomate.Media](#).

**Giuseppe Gagliano é presidente do Centro Studi Strategici Carlo de Cristoforis, em Como, Itália. É membro do comitê internacional de assessores científicos do Centre Français de Recherche sur le Renseignement (Cf2R).*
